O USO DA FOTOGRAFIA NO ENSINO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA

BRENO MARTINS DE MAIO

Resumo
Este artigo discute as potencialidades do uso da fotografia como recurso didático e como fonte de análise no ensino de Geografia e História. Busca-se compreender como as imagens fotográficas, ao mesmo tempo em que documentam e interpretam a realidade, podem auxiliar no desenvolvimento de uma visão crítica dos estudantes. A reflexão parte de referenciais teóricos e de experiências relatadas em pesquisas recentes, destacando a relevância da fotografia na análise da paisagem, do espaço urbano, dos processos históricos e das representações sociais. Também são incorporadas as contribuições de Boris Kossoy, que desenvolveu no Brasil uma importante análise da fotografia como fonte histórica, Walter Benjamin, que problematizou a reprodutibilidade técnica da obra de arte e a perda de sua "aura", e Susan Sontag, que refletiu sobre o impacto social e cultural das imagens fotográficas. Inclui-se ainda Philippe Dubois, que discute a fotografia enquanto signo e linguagem. Conclui-se que a fotografia, se devidamente contextualizada e problematizada, amplia as possibilidades pedagógicas, aproximando teoria e prática no processo de ensino-aprendizagem.
Palavras-chave: Fotografia; Ensino de Geografia; Ensino de História; Recursos didáticos; Imagem.

1 INTRODUÇÃO

O uso de recursos visuais no ensino de Geografia e História tem se consolidado como uma prática relevante para a construção do conhecimento crítico. Dentre esses recursos, a fotografia ocupa um lugar de destaque, tanto pela sua presença constante no cotidiano dos estudantes quanto pelo seu potencial de registro e interpretação da realidade.

Segundo Sontag (2004), a fotografia não apenas documenta, mas também molda nossa percepção do mundo. Essa perspectiva abre espaço para que professores utilizem a imagem não como mero suporte ilustrativo, mas como fonte de investigação e reflexão. No campo da História, as fotografias são documentos que expressam o tempo e o espaço de sua produção; na Geografia, permitem analisar paisagens, transformações socioespaciais e a construção da memória coletiva.

Boris Kossoy (2001) reforça essa visão ao destacar que a fotografia deve ser entendida como documento histórico, fruto de intencionalidades, contextos sociais e técnicos. Para ele, a fotografia não é neutra, mas sim carregada de significados que permitem compreender tanto o objeto retratado quanto o olhar de quem fotografou. Essa perspectiva vai de encontro ao conceito freiriano de que não existe neutralidade na prática docente, pois ainda que o discurso do docente seja de neutralidade, o ato de ensinar está carregado de escolhas, ideologias e visão de mundo. Segundo Freire (1996, p. 77), o ato de ensinar nunca é neutro, já que implica escolhas políticas, éticas e sociais que podem reforçar ou transformar a realidade. Ou seja, a prática docente não é neutra, e quando se decide pelo uso de fotografia na prática docente, estamos manipulando uma produção imagética baseada também num ato enviesado, além da própria curadoria praticada pelo professor, que em seu planejamento, pensou, pesquisou e escolheu quais imagens utilizar em aula e como seriam feitas as reflexões sobre essa imagem. Por sua vez, Walter Benjamin (1987) contribui ao discutir a reprodutibilidade técnica da imagem fotográfica e a consequente perda da "aura", ressaltando como a fotografia transforma nossa experiência com o real e com a obra de arte. Já Dubois (1993) analisa a fotografia como signo, discutindo sua especificidade enquanto linguagem que media o real e a representação.

O presente artigo busca compreender como a fotografia pode ser incorporada ao ensino de Geografia e História de modo crítico e reflexivo. O texto está estruturado em três

partes: a primeira discute o papel da fotografia como documento histórico e fonte de análise; a segunda apresenta possibilidades pedagógicas no ensino de Geografia; e a terceira discute desafios e caminhos metodológicos para a utilização desse recurso em sala de aula.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A fotografia como documento histórico

A fotografia é um recurso que ultrapassa a mera reprodução visual. Conforme Silva Júnior e Martins da Silva (2019), ela permite ao estudante perceber dimensões do passado que muitas vezes não estão registradas em textos escritos. Fotografias de manifestações políticas, movimentos sociais ou registros do cotidiano revelam aspectos que podem ser analisados criticamente no ensino de História.

Obede Domingos de Sant Ana e Paulo Maia (2019) reforçam que a fotografia deve ser trabalhada como linguagem visual, passível de interpretação, carregada de intencionalidades e enquadramentos. Assim, em vez de ser utilizada apenas como ilustração, pode tornar-se fonte para problematização histórica, estimulando nos estudantes o questionamento sobre quem produziu a imagem, em qual contexto e com quais objetivos. O uso de fotografia em sala de aula passa a ser elemento que contribui diretamente no desenvolvimento do senso crítico dos estudantes, aumentando-lhe o repertório cultural e aguçando debates e a construção de argumentos à partir de análises, sempre partindo do ponto de vista de cada estudante, que carrega em si também sua visão de mundo. Dentre diversos exemplos possíveis, o uso das imagens produzidas no período de governo de Stálin (1922-1953), é uma possibilidade rica em significado para se trabalhar a questão da intencionalidade, como foi produzida, e problematizar a questão da manipulação de imagens.

Kossoy (2001) acrescenta que a fotografia é sempre uma construção cultural e histórica, sendo necessário compreendê-la a partir de sua materialidade, de seu contexto de produção e de circulação. Ele argumenta que a imagem fotográfica deve ser lida em duas dimensões: como documento, que registra o visível, e como monumento, que carrega significados e ideologias da sociedade que a produziu. Essa abordagem possibilita ao ensino da História não apenas trabalhar com fotografias como testemunhos, mas também como representações que precisam ser decifradas. Dessa forma, análises imagéticas são também carregadas de subjetividade em algum grau, possibilitando interpretações diferentes, inclusive permitindo aos estudantes apontarem interpretações que por vezes pode ter escapado ao docente, materializando o “ensinar aprendendo, aprender ensinando”.

Ana Heloisa Molina (2015) aprofunda essa discussão teórica ao analisar como as fotografias das escolas normais do início do século XX, especialmente do interior de São Paulo e Paraná, servem como fontes primárias para a historiografia contemporânea. Ela demonstra que essas imagens não são meras ilustrações, mas documentos que revelam a organização do espaço escolar, a disciplina do corpo, as práticas pedagógicas e a hierarquia social da época. O estudo de Molina evidencia que a leitura crítica dessas fotografias permite ir além da aparência e compreender as intenções do poder instituído, os valores da sociedade da época e a construção de uma memória escolar oficial.

2.2 Fotografia, memória e reprodutibilidade

Walter Benjamin (1987) oferece uma contribuição fundamental para entender a fotografia em sua dimensão filosófica. Para o autor, a fotografia é um marco na transformação da arte e da percepção estética, pois rompe com a ideia da obra única e irreprodutível. Ao ser passível de reprodução em larga escala, a fotografia perde sua "aura", ou seja, sua singularidade e unicidade. Essa análise é relevante para o ensino porque ajuda a problematizar o modo como as imagens circulam e influenciam a formação do imaginário social, ainda mais considerando os dias atuais, onde a disseminação dos smartphones e

o amplo uso das redes sociais tornaram amplamente acessíveis todo o tipo de produção visual, impactando as gerações mais jovens, nascidas após a consolidação do uso da internet doméstica e móvel.
Benjamin também destaca que a fotografia democratiza o acesso à imagem e amplia as possibilidades de difusão do conhecimento, mas ao mesmo tempo cria uma nova relação entre sujeito e obra. No ensino de História e Geografia, essa perspectiva ajuda a pensar criticamente o consumo massivo de imagens e o papel dos meios de comunicação na construção das narrativas históricas e espaciais.

2.3 Fotografia, percepção e impacto social

Susan Sontag (2004) analisa a fotografia a partir de seu impacto cultural e social. Para ela, fotografar é um ato que confere significado ao mundo, selecionando o que deve ser lembrado e o que pode ser esquecido. A autora argumenta que o

acúmulo de imagens produz uma espécie de anestesia moral, em que a exposição constante a determinadas cenas pode banalizar o sofrimento ou a violência. Essa reflexão é essencial para que os estudantes compreendam como a fotografia participa da construção da memória coletiva e influencia sensibilidades.
No ensino, as ideias de Sontag convidam o professor a discutir criticamente não apenas o conteúdo das imagens, mas também o efeito de sua circulação social, questionando como determinadas representações reforçam visões de mundo e moldam identidades.

2.4 Fotografia como signo e linguagem

Dubois (1993) contribui ao discutir a fotografia como signo, aproximando-a das reflexões semióticas. Para ele, a fotografia ocupa um lugar singular entre a realidade e a representação: ao mesmo tempo em que se vincula diretamente ao real por meio da impressão luminosa, também é construída por escolhas de enquadramento, ângulo, iluminação e contexto. Essa visão semiótica é fundamental para que os estudantes compreendam a fotografia não como reflexo fiel do real, mas como linguagem que interpreta o mundo.

2.5 Fotografia e ensino de Geografia

Na Geografia, a fotografia também se apresenta como uma ferramenta poderosa para a compreensão do espaço. Ulhôa (2022) destaca que há paradoxos no uso das imagens, pois nem sempre a fotografia representa fielmente a realidade. Ela é recorte, interpretação, e carrega códigos que podem não ser imediatamente perceptíveis. Essa reflexão é fundamental para que os estudantes desenvolvam uma leitura crítica da paisagem.
Nesse sentido, as contribuições de Denis Cosgrove (1998) são essenciais. Para ele, a paisagem é uma construção cultural e social, não apenas um dado físico. As fotografias, portanto, não são neutras, mas refletem e moldam a maneira como percebemos o mundo ao nosso redor. Ao trabalhar com imagens, o professor pode estimular a observação de elementos como o uso do solo, a organização da cidade, as mudanças ambientais e os símbolos culturais expressos nas paisagens,

mostrando como elas são construídas a partir de ideologias e valores de uma sociedade. Frasson (2021) reforça que a fotografia, quando associada a análises contextuais, possibilita a compreensão das relações entre espaço, sociedade e natureza. Ao trabalhar com imagens, o professor pode estimular a observação de elementos como o uso do solo, a organização da cidade, as mudanças ambientais e os símbolos culturais expressos nas paisagens.

2.6 Fotografia e análise da paisagem urbana

Pesquisas recentes mostram que a fotografia pode contribuir para a análise da paisagem urbana, especialmente quando usada em atividades de campo e projetos escolares. Silva, Silva e Canêjo (2018) discutem como a fotografia permite múltiplos olhares

sobre a cidade, revelando desigualdades, transformações espaciais e dinâmicas sociais. Nessa perspectiva, o ensino de Geografia não se limita a mapas e gráficos, mas incorpora a visualidade como fonte de análise. Uma foto, registrada pelo fotógrafo Tuca Vieira em 2004, ganhou notoriedade pelo seu amplo uso em livros didáticos, onde a imagem aérea destacava um condomínio de alto padrão no bairro do Morumbi, chamado Penthouse, com piscinas em cada sacada, e a imagem em segundo plano da comunidade do Paraisópolis, num exacerbado contraste de luxo e pobreza, realçando a desigualdade social presente na cidade de São Paulo, mas que sintetiza a realidade nacional. Poucas fotos se tornaram tão icônicas quanto esta, quando pensamos no uso de registros fotográficos no ensino de geografia.

As ideias de David Harvey (2000) complementam essa análise ao problematizar a produção do espaço dentro de lógicas capitalistas. O autor mostra como as imagens, incluindo as fotografias, participam da reprodução de desigualdades socioespaciais. O uso de fotografias em sala de aula, a partir da perspectiva de Harvey, pode ajudar os estudantes a questionar quais aspectos da cidade estão sendo mostrados e quais estão sendo escondidos. Por exemplo, a fotografia de um novo projeto imobiliário pode revelar a prosperidade, mas oculta os processos de gentrificação e a exclusão social. Assim, a fotografia se torna uma

ferramenta para desvendar as complexas relações de poder que se manifestam na paisagem urbana.

O estudo de Molina (2015) também tem relevância para o ensino de Geografia ao demonstrar como a fotografia revela a relação entre espaço e disciplina. As imagens das escolas normais mostram a organização rigorosa do ambiente, com fileiras de alunas, salas de aula arrumadas e a distinção entre espaços internos e externos. Para a historiadora, a fotografia é um recurso que permite analisar a materialidade do espaço escolar e como ele foi projetado para moldar comportamentos e perpetuar uma determinada visão de ensino. Isso reforça a ideia de que a fotografia não apenas mostra a paisagem, mas também as relações sociais e de poder que a estruturam.

2.7 Potencialidades pedagógicas

A utilização de fotografias no ensino de Geografia e História apresenta algumas potencialidades relevantes:

Desenvolvimento da leitura crítica: as imagens estimulam os estudantes a questionarem fontes, contextos e intenções.

Aproximação com o cotidiano: por meio de fotografias locais, os estudantes percebem transformações no espaço em que vivem.

Construção de memória coletiva: a análise de fotografias históricas promove reflexões sobre identidade e pertencimento.

Integração interdisciplinar: a fotografia dialoga tanto com a História quanto com a Geografia, possibilitando abordagens conjuntas.

A análise de Molina (2015) reforça o conceito de que a fotografia contribui para a construção da memória institucional. Ao examinar as imagens de escolas normais, ela percebeu que as fotografias eram cuidadosamente planejadas para mostrar uma "escola ideal", com alunas disciplinadas, espaços impecavelmente organizados e professores em posturas de autoridade. Isso mostra que as fotos não apenas registram o passado, mas também constroem uma narrativa oficial e idealizada sobre a instituição, deixando de lado aspectos problemáticos ou informais. Essa abordagem é crucial para o ensino de História, pois ensina os

alunos a questionarem a "verdade" por trás das imagens e a reconhecerem a intencionalidade por trás da construção da memória.

2.8 Desafios metodológicos

Apesar de seu potencial, o uso da fotografia apresenta desafios. Ulhôa (2022) lembra que a interpretação de imagens exige competências específicas, pois nem todos os estudantes possuem familiaridade com a leitura crítica de representações visuais. Além disso, a abundância de imagens disponíveis em ambientes digitais pode levar a um con-

sumo superficial, dificultando a análise aprofundada.
Nesse sentido, cabe ao professor desenvolver estratégias metodológicas que orientem o trabalho com fotografias em sala de aula. Atividades comparativas, análise de séries fotográficas e produção de imagens pelos próprios estudantes são caminhos que podem favorecer a reflexão crítica.

3 CONCLUSÃO

A fotografia, quando utilizada no ensino de Geografia e História, representa mais do que um recurso ilustrativo. Ela é um documento que expressa intencionalidades, interpretações e representações do mundo. A partir dela, é possível desenvolver nos estudantes a capacidade de análise crítica, a compreensão das transformações sociais e espaciais, bem como a valorização da memória coletiva.
As contribuições de Boris Kossoy permitiram compreender a fotografia como fonte histórica complexa, que revela tanto o objeto retratado quanto o olhar social e cultural de quem a produziu. Walter Benjamin, por sua vez, ampliou o debate ao evidenciar a reprodutibilidade da fotografia e sua influência na percepção estética e histórica, destacando a perda da aura da obra única. Susan Sontag trouxe reflexões sobre o impacto cultural da imagem e a banalização do sofrimento diante do excesso de fotografias. Dubois contribuiu ao situar a fotografia no campo da semiótica, mostrando sua condição de signo e linguagem.

A revisão teórica e as pesquisas analisadas neste artigo evidenciam que a fotografia contribui para ampliar as metodologias de ensino, tornando as aulas mais significativas e conectadas com a realidade dos estudantes. No entanto, para que seu potencial seja efetivamente explorado, é necessário que o docente a utilize de forma planejada, problematizada e integrada a objetivos pedagógicos claros.
Assim, a fotografia se consolida como um recurso didático que aproxima História e Geografia, favorecendo uma aprendizagem reflexiva e crítica.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In:
Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1987.

COSGROVE, Denis. Social formation and symbolic landscape. Madison: University of Wisconsin Press, 1998.
DUBOIS, Philippe. O ato fotográfico e outros ensaios. Campinas: Papirus, 1993.

FRASSON, Margarete. Fotografia, contexto e análise no ensino e na pesquisa de Geografia. Geoingá, v. 13, n. 2, 2021. DOI: 10.4025/geoinga.v13i2.52557.
FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.
25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KOSSOY, Boris. Fotografia e história. São Paulo: Ática, 2001.

MOLINA, Ana Heloisa. A História contada por imagens: as escolas normais do início do século XX e o uso de fotografias para a historiografia contemporânea. Dimensões, v. 34, p. 457-489, 2015.
QUEIROZ, Guilherme; QUINTELLA, Sérgio (col.). Prédio famoso pelo contraste com comunidade enfrenta dívidas e processos. VEJA São Paulo, São Paulo, 16 fev. 2024.
Disponível em: https://vejasp.abril.com.br/cidades/predio-morumbi-desigualdade-social-favela-piscin a/. Acesso em: 17 set. 2025.

SANT ANA, Obede Domingos de; MAIA, Paulo Roberto de Azevedo. A fotografia como ferramenta para o ensino de História. Veredas da História, v. 15, n. 1, 2019. DOI: 10.9771/rvh.v15i1.50980.
SILVA JÚNIOR, Astrogildo Fernandes; MARTINS DA SILVA, Davi Aragão. A fotografia nas aulas de história – potencialidades. Itinerarius Reflectionis, v. 15,
n. 1, p. 1–21, 2019.

SILVA, Itállo Fernando de Freitas; SILVA, Leonardo Lima da; CANÊJO, Valdemira Pereira. A fotografia como recurso mediático no ensino

de Geografia: a paisagem urbana em múltiplos olhares e convergências. Revista Ensino de Geografia (Recife), v. 1, n. 1, p. 56–67, 2018. DOI: 10.51359/2594-9616.2018.240413.
SONTAG, Susan. Sobre fotografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ULHÔA, Leonardo Moreira. Sobre o uso e os paradoxos das imagens no ensino de Geografia: obstáculos entre a fotografia e a realidade representada. Giramundo,
v. 9, n. 17, p. 7–19, 2022. DOI: 10.33025/grgcp2.v9i17.3301.